

---

## *PARA DISCUSSÃO DA SERENIDADE*

*De uma conversa sobre o pensamento,  
que teve lugar num caminho de campo\**

---

\* Cf. Referências, página 73

INVESTIGADOR

(I)

ERUDITO

(E)

PROFESSOR

(P)

- I – Por fim, afirmava você que a questão da essência do homem não era uma questão sobre o homem.
- P – Eu perguntava apenas, algo que é incontornável considerar, se isso não se levanta com a questão da essência .
- I – Seja como for, não consigo compreender como poderá alguma vez ser encontrada a essência do homem desviando o olhar do homem.
- P – Para mim isso também é incompreensível, por isso procuro ver mais claramente em que medida tal é possível ou, talvez, até necessário.
- I – Aperceber a essência do homem sem olhar na direcção do homem?!
- P – Sim. Se o pensamento é o traço distintivo da essência do homem, então o essencial desta essência, ou seja, a essência do pensamento, só pode ser apercebida desviando o olhar do pensamento.

- E – O pensamento é, no entanto, concebido na forma tradicional como representação, como um querer; também Kant concebe assim o pensamento quando o caracteriza como espontaneidade. Pensar é querer e querer é pensar.
- I – A afirmação de que a essência do pensamento é algo diferente do pensamento significa então que o pensamento é algo diferente do querer.
- P – Também por isso, à questão sobre o que eu na realidade pretendia com a nossa meditação sobre a essência do pensamento, lhe respondo o seguinte: quero o não-querer.
- I – Esta expressão revelou-se-nos, entretanto, como sendo ambígua.
- E – Não-querer significa, em primeiro lugar, um querer, um querer dominado por um não, mesmo no sentido de um não que incide sobre o próprio querer e o recusa. Não-querer significa, portanto, recusar voluntariamente o querer. A expressão não-querer significa também, em segundo lugar, o que é pura e simplesmente estranho a todo o tipo de vontade.
- I – Por isso, também nunca pode ser realizado e alcançado por meio de um querer.
- P – Mas talvez nos aproximemos dele através de um querer do tipo do não-querer designado em primeiro lugar.
- E – Vê, portanto, um e outro não-querer como estando relacionados um com o outro de um determinado modo.

- P – Eu não vejo apenas essa relação. Se me permitem confessá-lo, sou chamado (*angesprochen*), se não mesmo interpelado (*angerufen*), por ela, desde que procuro reflectir sobre o que move a nossa conversa.
- I – Será a minha presunção correcta ao determinar a relação entre um não-querer e o outro da seguinte forma? Quer um não-querer no sentido da recusa do querer a fim de que, através deste, possamos avançar em direcção à procurada essência do pensamento, que não é um querer ou, pelo menos, prepararmo-nos para tal.
- P – Não só a sua presunção é correcta como, pelos Deuses, diria eu se eles não nos tivessem abandonado, descobriu algo essencial.
- E – Se competisse a algum de nós tecer elogios e se tal não estivesse fora do estilo das nossas conversas, estaria tentado a dizer que você nos superou e se superou a si próprio com a interpretação (*Auslegung*) da expressão ambígua «não-querer».
- I – Tê-lo conseguido não é mérito pessoal mas sim da noite que caiu entretanto e nos obriga, voluntariamente, a recolher.
- E – Dá-nos tempo para meditar (*Nachsinnen*) já que nos afrouxa o passo.
- P – Razão pela qual também ainda estamos longe das habitações dos homens.
- I – Cada vez mais liberto, confio na direcção (*Geleit*) invisível que, durante esta conversa, nos leva pela mão ou, melhor dizendo, nos leva pela palavra.

- E – Precisamos dessa direcção, porque a conversa se torna cada vez mais difícil.
- P – Se por difícil entende o não-habitual, que consiste no facto de nos desabituar-mos da vontade.
- E – Da vontade, diz você, e não apenas do querer...
- I – e exprime você com tanta serenidade uma pretensão tão polémica.
- P – Se já tivesse a devida serenidade, em breve estaria dispensado da referida desabituacção.
- E – Na medida em que pelo menos nos podemos desabituar do querer, ajudamos a despertar a serenidade.
- P – Ou antes, ajudamos a mantermo-nos despertos para a serenidade.
- E – Por que não ajudar a despertar?
- P – Porque o despertar da serenidade em nós não parte de nós próprios.
- I – A serenidade é, portanto, provocada por outros meios.
- P – Não é provocada, mas sim permitida.
- E – Com efeito, ainda não sei o que significa a palavra serenidade; mas suponho vagamente que ela desperta quando ao nosso ser (*Wesen*) lhe é permitido aceder (*zugelassen ist, sich auf das einzulassen*) a algo que não é um querer.
- I – Fala sempre de um deixar (*Lassen*), de tal modo que dá a impressão de se referir a uma espécie de passividade. Não obstante, julgo saber que não se trata de modo algum de um deixar deslizar e deixar à deriva (*kraftloses Gleiten- und Treibenlassen*) as coisas.

- E – Talvez se oculte na serenidade (*Gelassenheit*) uma acção mais elevada do que todas as acções do mundo e do que todos os feitos da humanidade...
- P – ...acção mais elevada que não é, no entanto, uma actividade.
- I – Logo, a serenidade está, caso se possa aqui falar de um estar (*Liegen*), fora da distinção de actividade e de passividade ...
- E – ...porque a serenidade *não* pertence ao domínio da vontade.
- I – A transição do querer para a serenidade parece-me ser o ponto difícil.
- P – Especialmente quando a essência da serenidade ainda nos permanece oculta.
- E – É isso sobretudo pelo facto de a serenidade também poder ser concebida no domínio da vontade, tal como o foi por antigos mestres do pensamento como, por exemplo, Meister Eckhart.
- P – Com o qual, não obstante, há muito de bom a aprender.
- E – Com certeza; mas é evidente que a serenidade por nós mencionada não significa a rejeição do egoísmo pecaminoso, nem o abandono da vontade própria em prol da vontade divina.
- P – Pois não.
- I – Aquilo que, para nós, a palavra serenidade não deve designar é para mim claro, em muitos aspectos. Mas, ao mesmo tempo, sei cada vez menos sobre aquilo de que estamos a falar.

Procuramos, pois, determinar a essência do pensamento. O que tem a serenidade a ver com o pensamento?

- P – Nada, se concebermos o pensamento como representação, tal como o fizemos até aqui. Mas talvez a essência do pensamento, que procuramos, entre (*eingelassen*) na serenidade.
- I – Não consigo representar (*vorstellen*) essa essência do pensamento, nem com a maior boa vontade.
- P – Precisamente porque essa maior boa vontade e o seu tipo de pensamento como representação o impedem de o fazer.
- I – Céus, que deverei então fazer?
- E – O mesmo me pergunto eu.
- P – Não devemos fazer nada a não ser aguardar.
- E – É uma fraca consolação.
- P – Fraca ou forte, também não devemos aguardar qualquer consolação, que é afinal o que fazemos quando mergulhamos no desconsolo.
- I – Devemos aguardar porquê? E onde devemos aguardar? Quase que já nem sei onde estou, nem quem sou.
- P – Todos o deixaremos de saber assim que deixarmos de nos enganar a nós próprios.
- E – Mas não temos ainda o nosso caminho?
- P – Sem dúvida. No entanto, ao esquecê-lo com demasiada rapidez, renunciámos ao pensamento.
- I – Em que devemos então pensar, se temos de passar para e penetrar na (*über- und eingehen*)

até agora não experienciada, essência do pensamento?

P – Devemos pensar no único ponto de partida possível para esta passagem.

E – Não quer, então, abandonar a interpretação da essência do pensamento admitida até agora?

P – Esqueceu-se do que eu disse na nossa conversa anterior sobre o que é revolucionário?

I – Parece-me que o esquecimento é particularmente perigoso neste tipo de conversas.

E – Se bem entendo, devemos agora ver aquilo a que chamamos serenidade, mas que mal conhecemos e, sobretudo, não conseguimos inserir correctamente em parte alguma no contexto da essência do pensamento em discussão.

P – É precisamente isso que eu quero dizer.

I – Apresentámos (*vergegenwärtigen*), em último lugar, o pensamento sob a forma do representar transcendental-horizontal.

E – Esse representar apresenta, por exemplo, o carácter arbóreo da árvore, o carácter de jarro do jarro, o carácter de taça da taça, o carácter de pedra da pedra, o carácter de planta das plantas, a animalidade do animal como o panorama (*Aussicht*) para que olhamos quando está diante de nós uma coisa no aspecto (*im Aussehen*) da árvore, uma coisa no aspecto do jarro, outra no aspecto da taça, várias no aspecto da pedra, muitas no aspecto das plantas e muitas no aspecto do animal.

- I – O horizonte que você, mais uma vez, descreve é o campo de visão que circunscreve o panorama.
- P – Ele excede o aspecto dos objectos.
- E – Tal como a transcendência ultrapassa a percepção dos objectos.
- P – Definimos, assim, os termos horizonte e transcendência por meio do exceder (*Übertreffen*) e do ultrapassar (*Überholen*) ...
- E – ... que se referem aos objectos e à representação dos objectos.
- P – O horizonte e a transcendência são assim experienciados (*erfahren*) a partir dos objectos e da nossa actividade de representação e são definidos apenas em relação aos objectos e à nossa actividade de representação.
- E – Por que acentua isso?
- P – Para indicar que, deste modo, o que deixa o horizonte ser o que é (*sein lässt*) ainda não foi, de modo algum, experienciado.
- I – Em que está a pensar quando faz essa afirmação?
- P – Dizemos que olhamos para dentro do horizonte. O campo de visão é, portanto, um aberto cuja abertura não lhe advém do facto de olharmos para dentro dele.
- E – Do mesmo modo, também não metemos o aspecto dos objectos, que o panorama do campo de visão nos fornece, dentro desse aberto.
- I – O aspecto é que vem ao nosso encontro a partir do aberto.

- P – A horizontalidade é, assim, apenas o lado virado para nós de um aberto que nos rodeia, que está preenchido com panoramas do aspecto daquilo que aparece como objecto à nossa representação.
- I – O horizonte é, portanto, também algo diferente (*etwas Anderes*) de um horizonte. Mas este outro é, de acordo com o discutido, o outro de si mesmo e, por isso, o mesmo que ele é. Você diz que o horizonte é o aberto que nos rodeia. O que é ele mesmo, este aberto, se abstrairmos do facto de que ele também pode aparecer como horizonte da nossa representação?
- P – Vejo-o como uma *região* (*Gegend*) por cuja magia tudo aquilo que lhe pertence retorna ao sítio onde repousa.
- E – Não tenho a certeza se compreendo alguma coisa daquilo que acaba de dizer.
- P – Eu também não compreendo, se por «compreender» entende a capacidade de representar o que se oferece, de tal forma que fica como que subordinado (*untergestellt*) ao e, com isso, assegurado pelo, conhecido; pois também não possuo o conhecido no qual possa enquadrar (*unterbringen*) o que tentei dizer sobre o aberto como região.
- I – Isso é impossível justamente porque, provavelmente, aquilo que você designa como região é isso mesmo que em primeiro lugar garante todo o abrigo (*Unterkunft*).

- P – É mais ou menos isso que quero dizer, mas não apenas isso.
- E – Você falava de «uma» região na qual tudo retorna a si. Uma região para tudo não é, em rigor, uma região entre outras, mas sim a região de todas as regiões.
- P – Tem razão; trata-se de *a* região.
- I – E a magia dessa região é, com efeito, o reinar da sua essência (*das Walten ihres Wesens*), o que faz região de encontro (*das Gegnende*), se me é permitido designá-lo assim.
- E – Com base no significado literal da palavra, «região» seria aquilo que vem ao nosso encontro (*was uns entgegenkommt*); dizíamos também, pois, que a partir do panorama delimitado pelo horizonte o aspecto dos objectos vem ao nosso encontro. Se concebermos agora o horizonte a partir da região, apreendemos a própria região como o que vem ao nosso encontro (*das uns Entgegenkommende*).
- P – Deste modo, caracterizaríamos a região tal como anteriormente o horizonte, a partir da relação connosco, enquanto continuamos a procurar aquilo que é em si o aberto que nos rodeia. Se dissermos que é a região, e se o dissermos sem abandonarmos o objectivo antes referido, então a palavra «região» tem de designar outra coisa.
- I – Além disso, o vir ao encontro não é, de modo algum, uma, e ainda menos a, característica fundamental da região. O que significa então a palavra região?

- E – A sua forma mais antiga é «Região» (*Gegnet*) e significa a extensão livre (*die freie Weite*). Podemos extrair daí alguma coisa sobre a essência daquilo que gostaríamos de designar região?
- P – A região reúne, tal como se nada acontecesse, cada coisa com cada coisa e todas entre si no demorar-se (*das Verweilen*) no repouso em si próprio. Fazer região de encontro é o reabrigar reunificante no extenso repousar na duração (*das versammelnde Zurückbergen zum weiten Beruben in der Weile*)
- E – Assim, a própria região é simultaneamente a extensão e a duração. Demora-se na extensão do repousar. Estende-se na duração do que se fechou-em-si-próprio livremente. Podemos, por isso, atendendo ao uso sublinhado desta palavra, dizer em vez do nome corrente «região» (*Gegend*), também «Região» (*Gegnet*).
- P – A Região é a extensão que faz demorar-se que, tudo reunindo, se abre de modo a que nela o aberto seja mantido e solicitado (*gehalten und angehalten*) a deixar cada coisa abrir-se no seu repouso.
- I – Parece-me aperceber que a Região mais depressa se retira do que vem ao nosso encontro...
- E – de modo que também as coisas que aparecem na Região já não têm o carácter de objectos.
- P – Não só já não estão diante de nós como deixam mesmo de estar (*stehen*).

- I – Jazem (*liegen*) então ou o que se passa com elas?
- P – Jazem; se, com isso, designarmos o Repousar (*Ruhen*) que é denominado ao falar-se do repousar/assentar (*Beruben*).
- I – Mas onde Repousam as coisas e em que consiste o Repousar (*das Ruhen*)?
- P – Elas Repousam no retorno à duração da extensão da sua pertença a si próprias.
- E – Pode então existir um Repouso no retorno que é movimento?
- P – Com certeza, caso o Repouso seja o foco e o reino (*Walten*) de todo o movimento.
- I – Tenho de confessar que não consigo representar correctamente tudo o que acabou de dizer sobre a região, a extensão e a duração, sobre o retorno e o repousar.
- E – Não se pode mesmo representar, na medida em que, através da representação, o que está diante de nós/nos enfrenta (*entgegenstehen*) num horizonte já se tornou um objecto (*Gegenstand*).
- I – Então também não podemos propriamente descrever aquilo de que falamos?
- P – Não. Qualquer descrição teria de o apresentar (*vorföhren*) como objecto.
- E – Não obstante, pode ser designado e, através da designação, pensado...
- P – caso o pensamento deixe de ser uma representação.
- I – Mas o que será, então, o pensamento?
- P – Talvez estejamos agora próximos de ser admitidos (*eingelassen*) na essência do pensamento...

- E – na medida em que aguardamos (*warten*) pela sua essência.
- P – Aguardar, pois bem; mas nunca estar em expectativa (*erwarten*); pois o estar em expectativa prende-se já com uma representação e com o seu objecto representado.
- E – O aguardar, no entanto, prescinde disso; terei de dizer antes: O aguardar nem sequer se deixa aceder (*lässt sich... nicht ein*) pela re-presentação (*Vor-stellen*). Com efeito, o aguardar não tem qualquer objecto.
- I – Mas, quando aguardamos, aguardamos sempre por alguma coisa.
- E – Decerto; mas assim que representamos e consolidamos (*zum Stehen bringen*) aquilo por que aguardamos deixamos de aguardar.
- P – No aguardar deixamos aberto aquilo porque aguardamos.
- E – Porquê?
- P – Porque o aguardar aventura-se (*sich einlasst*) no próprio aberto...
- E – na extensão do longínquo...
- P – em cuja proximidade encontra a duração, na qual permanece.
- I – Mas permanecer é um retornar.
- E – O próprio aberto seria aquilo por que apenas poderíamos aguardar.
- I – Mas o próprio aberto é a Região...
- P – na qual, aguardando, somos admitidos quando pensamos.
- I – O pensamento seria, então, o chegar-à-proximidade do longínquo.

- E – Isso é uma definição ousada da sua essência que nos aparece caída do céu.
- I – Apenas resumi o que designámos antes, sem representar o que quer que seja.
- P – E, no entanto, você pensou em algo.
- I – Na verdade, aguardei por algo, sem saber o quê.
- E – Mas como pode você de repente aguardar?
- I – Há muito que aguardava, na nossa conversa, como só agora vejo com mais clareza, pela chegada da essência do pensamento. Mas agora o próprio aguardar tornou-se-me mais evidente e, simultaneamente, o facto de todos nós termos provavelmente ficado mais esperançosos durante o caminho.
- P – Pode-nos dizer em que medida isso é assim?
- I – Tentarei com muito prazer, se não tiver de correr o perigo de você me reduzir imediatamente a algumas palavras.
- P – Mas isso não é costume nas nossas conversas.
- E – Preferimos mover-nos livremente nas palavras.
- P – Porque a palavra não, e nunca, representa algo, mas significa (*be-deutet*) algo, isto é, mostrando-o, fá-lo demorar-se na extensão do seu dizível.
- I – Permitam-me que diga como alcancei o aguardar e qual a direcção em que consegui uma clarificação da essência do pensamento. Visto que o aguardar sem representar algo conduz ao aberto, procurei libertar-me de toda a representação. Visto que o que abre o aberto é a Região, tentei, liberto (*losgelassen*) de toda a

- representação, permanecer puramente entregue/abandonado (*überlassen*) à Região.
- P – Se bem entendo, você procurava aceder à serenidade (*sich auf die Gelassenheit einzulassen*).
- I – Para falar francamente, não estava propriamente a pensar nisso, embora, há pouco, se discutisse a serenidade. Fui mais levado pelo andamento da conversa do que pela representação dos vários objectos, de que falámos, a aceder ao aguardar do modo referido.
- E – Dificilmente podemos alcançar a serenidade de forma mais adequada do que por meio de uma ocasião para nos envolvermos (*eine Veranlassung zum Sicheinlassen*).
- P – Sobretudo quando a ocasião é ainda tão pouco aparente como o andamento silencioso de uma conversa que nos move/encaminha (*bewegt*).
- E – O que quer, pois, dizer que nos põe no caminho. Caminho esse que parece não ser outra coisa senão a própria serenidade...
- P – que é algo como o Repouso.
- E – A partir daqui torna-se, de súbito, mais claro para mim em que medida o movimento vem do Repouso e no Repouso permanece envolvido.
- P – A serenidade seria, então, não apenas o caminho (*Weg*) mas também o caminhar/movimento (*Bewegung*).
- E – Para onde vai este estranho caminho e onde Repousa o caminhar que lhe é próprio?
- P – Para onde/onde poderia ser senão para/em a Região, em relação à qual a serenidade é o que é?